

à A., é, nas palavras de Jean Soubiran, “émouvant et prémonitoire” (p. 6). Trata-se duma tocante reflexão sobre o tempo na poesia de Horácio, conjugando os tópicos do poder indomável da morte, da brevidade irreversível da vida e da premência de gozar o presente e de garantir o futuro, neste caso, através do canto (“... non omnis moriar”).

Têm os classicistas neste volume uma obra de grande utilidade. Por várias razões. Antes de mais pela pluridisciplinaridade do saber de Françoise Desbordes aqui bem evidenciado. A par com a pluralidade de autores e épocas, são vários os assuntos tocados, como a retórica, a poesia, o romance e a história. Deparamos, além disso, com um texto de leitura facilitada, já que a A., com excepção de alguns escritos da sua juventude, dispensa-se de sobrecarregar o texto com notas de rodapé, preferindo apresentar no fim de cada estudo a bibliografia em que se apoiou e para onde remete, quando necessário, de forma concisa. Finalmente, refira-se que estamos perante um texto sedutor, num estilo que Jean Soubiran (p. 7) classifica de “estilo de exposição oral”, onde a simplicidade e elegância nos surgem aliadas a uma grande agilidade intelectual, ambas alimentadas por uma vasta cultura que remete para um intenso labor de leitura.

A “Bibliographie Générale” (pp. 417-420), onde surgem assinalados os estudos reunidos quer neste volume quer no volume editado em Lyon, dá uma ideia impressionante da vasta produção intelectual de Françoise Desbordes, atendendo a uma vida que foi ceifada precocemente e de que muito se esperava ainda.

MANUEL JOSÉ DE SOUSA BARBOSA

R. G. M. NISBET, *Collected Papers on Latin Literature*. Edited by S. J. Harrison. Oxford, University Press, 1995. x + 449 pp. ISBN 0198149484

Fez-se história ao coligir num volume vinte e seis trabalhos de Robin Nisbet (*Corpus Christi College*, Oxford, 1970-1992) no âmbito da literatura latina. Trata-se, pois, de textos que marcaram a filologia clássica nas últimas décadas e se tornaram, em muitos casos, imprescindíveis. O reconhecido mérito científico de Nisbet ultrapassa largamente os magistrais comentários, em co-autoria com M. Hubbard, aos livros I e II das *Odes* de Horácio. Se é certo, com efeito, que Horácio constitui o fulcro da sua investigação, uma lista dos autores por ele estudados converter-se-ia no elenco dos maiores poetas latinos, aos quais se junta o prosador Cícero.

Além de oferecer três estudos inéditos, a presente colectânea reproduz artigos e resenhas dispersos por revistas da especialidade ao longo de mais de cinquenta anos (por exemplo *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici*, *Journal of Roman Studies*, *Proceedings of the Cambridge Philological Society*). De entre estes, é quase impossível salientar uns em detrimento de outros. Ainda assim, mencione-se “Elegiacs by Gallus from Qasr Ibrîm” (pp. 101-131): Nisbet edita, traduz e comenta os fragmentos de Galo preservados num papiro resgatado em 1978, descoberta de valor incalculável para a história da elegia latina. Já “*Felicitas at Surrentum*: Statius, *Silvae* 2.2” (pp. 29-46), para dar um outro exemplo, figura entre os títulos obrigatórios numa boa bibliografia de Estácio. As três resenhas incluídas neste volume incidem sobre edições: *Satiricon* de Petrónio por K. Müller, *Sátiras* de Pérsio e Juvenal por W. V. Klausen e as obras de Horácio por Shakleton Bailey. Nisbet analisa as lições propostas, discute o seu valor, documenta solidamente os aspectos que merecem a sua discordância. Aliás, a minúcia e clarividência do crítico textual ficam patentes num artigo repetidamente louvado, “How Textual Conjectures are Made” (pp. 338-361). Do produto desta rara experiência usufruímos também nos seus estudos sobre – entre outros – os textos de Catulo (“Notes on the Text of Catullus”, pp. 76-100; “Four Conjectures on Catullus 64”, pp. 386-389, inédito), Horácio (“*Sidere clarior*” (“Horace, *Carm.* 3.1.42”), pp. 144-146; “Footnotes on Horace”, pp. 261-271) e Juvenal (“Notes on the Text and Interpretation of Juvenal”, pp. 227-260; “On Houseman’s Juvenal”, pp. 272-292). A colectânea inclui ainda capítulos originalmente publicados em obras colectivas, como “Horace’s Epodes and History” (pp. 161-181), extraído de *Poetry and Politics in the Age of Augustus* (ed. T. Woodman & D. West, Cambridge, 1984).

Os títulos supracitados bastariam para comprovar a versatilidade de Robin Nisbet, que, com o mesmo rigor que dele fez um mestre das últimas gerações, estabelece textos, interpreta-os, problematiza-os no momento histórico de que nascem, reflecte sobre estilos

e a sua história (entre outros, “The style of Vergil’s Eclogues”, pp. 325-337; “The Survivors: Old-Style Literary Men in the Triunviral Period”, pp. 390-413, inédito). E, apesar de se ter notabilizado pelos seus trabalhos sobre poesia latina, seria um erro subvalorizar os artigos sobre retórica ciceroniana do editor de *In Pisonem* para a Oxford (“Cola and clausulae in Cicero’s Speeches”, pp. 312-324; “The Orator and the Reader: Manipulation and Response in Cicero’s Fifth Verrine”, pp. 362-380).

Para um leitor de Horácio, o trabalho mais invulgar e estimulante talvez seja o inédito “Tying down Proteus: The Limitations of Ambiguity and Cross-Reference on Horace’s *Odes*” (pp. 414-430). Em vez de se preocupar em expandir linhas de interpretação, Nisbet interroga-se, como o título indica, sobre os seus limites. Um estudioso de Horácio familiarizado, por exemplo, com as leituras actuais da famosa ode à fonte de Bandúsia (3.13) reconhecerá claramente a necessidade de uma reflexão deste tipo, bem como a de devolver os textos clássicos a um contexto muito particular de composição, que não autoriza afirmar-se qualquer coisa sobre qualquer um.

ANA MARIA LÓIO

GÉRALD PURNELLE & JOSEPH DENOZ, (ed.), *Ordre et Cohérence en Latin* (13^e Colloque international de Linguistique latine (Bruxelles - Liège, 4-9 avril 2005). Bruxelles - Genève - Liège, Librairie Droz, 2007. ISBN 978-2-87019-293-1

Organizado por Dominique Longrée e Muriel Lenoble com a colaboração de outros colegas universitários e do LASLA (Laboratoire d’Analyse Statistique des Langues Anciennes) da Universidade de Liège, o colóquio consagrado a analisar, em metodologias renovadas, fenómenos que a estilística de Marouzeau explorou com sensibilidade particularmente atenta, contou com elevado número de participantes e de comunicações (ca. 120), um conjunto das quais agora se apresentam.

Suzanne Adema (“Temporal bases and the use of the narrative infinitive in the *Aeneid*”) mostra que o infinitivo narrativo, caracterizado pela ausência de elementos morfológicos de tempo, modo e pessoa, preenche as falhas do sistema verbal e assume a expressão temporal veiculada pelo contexto, de acordo com o aspecto (durativo, simultâneo, iterativo, perfectivo ou imperfectivo) da ação. Por outro lado, ao coincidir com o tempo do narrador, o infinitivo narrativo transmite o aspecto incoativo mediante o uso de expressões adverbiais.

Olga Álvarez Huerta (“El acusativo proleptico en latín”) explica a origem do acusativo proleptico, argumentando que ele preenche a função sintáctica de sujeito da oração subordinada completiva ou interrogativa, diferenciando-se, por razões expressivas, como o acusativo exclamativo, do nominativo da oração principal, visto que a *traiectio* em latim não supõe necessariamente a alteração dos elementos sintácticos.

Danièle Conso (“Cohérence discursive et intégration syntaxique dans les notices des *Libri Coloniarum*”) serve-se dos *Libri Coloniarum*, conjunto de textos de natureza normativa (lista, técnica (tabela) ou didáctica (notícia), para estudar as estruturas informativas (tema e rema), assim como a coerência discursiva e a integração sintáctica. Esta compilação tardia (século IV-V) de textos mais antigos encontra-se organizada por *prouvinciae* e relaciona-se com o ordenamento do território das cidades da península itálica, fornecendo inúmeras informações históricas e linguísticas.

Frédérique Fleck (“Les emplois du connecteur *quin* et leur évolution. Comparaison avec les emplois des connecteurs adversatifs *at*, *sed* et *uerum*”) explica que o valor fundamental de *quin* consiste em marcar continuidade com o enunciado anterior, aumentando a sua força ilocutória assertiva, podendo um enunciado ser reforçado pela reiteração (mediante a repetição da expressão ou do conteúdo), ou pelo acréscimo de um termo novo. Embora a intensificação se apresente como recusa do elemento anterior, a comparação com outros conectores adversativos (*at*, *sed*, *uerum*) mostra que *quin* não assume o valor de ruptura, antes exprime continuidade e valorização do enunciado anterior, sendo utilizado como conector argumentativo.